



O Diário de Anne Frank e o ensino da Shoá

Paulo Miragaya, Mestre em Educação Judaica e coordenador de Cultura Judaica de Fundamental II e Ensino Médio da Escola Eliezer Max

Artigo escrito originalmente para o site do Mestrado em Educação Judaica da Universidade Hebraica de Jerusalém em outubro de 2024

O Diário de Anne Frank é um dos livros mais conhecidos no mundo. Até hoje é adotado em muitas escolas (judaicas e não judaicas) para a leitura de adolescentes no ensino da Shoá. Mas diante do vasto material sobre o tema, porque este livro segue sendo tão relevante? Como ele ainda desperta interesse entre os jovens? Quais suas contribuições para o ensino da Shoá?

Apesar de ter sido escrito há cerca de 80 anos, o diário de Anne Frank continua engajando novos leitores. Muito já se falou sobre a qualidade literária da autora, mas é espantoso como os jovens até hoje se identificam com a adolescente que descreveu seu dia a dia sombrio, em um anexo escondido em plena Amsterdam dominada pelos nazistas, entre 1942 e 1944. Talvez pela forma franca de retratar seu dia a dia, trazendo o sofrimento causado pela guerra, os conflitos do convívio intenso no anexo, não poupando ninguém de críticas, nem ela mesma, além das curiosidades despertadas em relação à sexualidade. Quando se trata de adolescentes, há uma identificação que atravessa as barreiras temporais e contextuais e os ajuda a enxergar

aquela realidade aos olhos de uma igual, uma “irmã imaginária” (LAFON, 2023, p.15) como muitos jovens fantasiam.

A identificação é um elemento fundamental para a transmissão da Shoá. Em virtude disso, se trabalha hoje com o conceito da “personificação”. Se durante muito tempo a Shoá era ensinada através de imagens aterrorizantes, de corpos indiferenciados e números acintosos, nos últimos anos esta pedagogia mudou, percebeu-se a importância em dar nome às pessoas, contar suas histórias e despertar mais afeto. Segundo Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba, houve uma “mudança de paradigma da concepção ‘estatística’ e massificada ao apego pelo ‘nome’ e pelo indivíduo” (REISS, 2018, p.181). Além de dar dignidade às vítimas, conhecer sua história nos sensibiliza, exatamente porque nos identificamos com algum aspecto de sua vida. Primo Levi escreveu que “uma só Anne Frank gera mais comoção do que uma infinidade que sofreu com ela, mas cuja imagem permaneceu na sombra” (LEVI, 2003, p.44).

Qual o objetivo de mostrar as terríveis imagens de corpos jogados em valas, pessoas depauperadas, rostos sem expressão, indiferenciados, pilhas de sapatos e objetos pessoais? Essa espetacularização da Shoá choca e silencia. Mais paralisa e afasta do que aproxima. Outro equívoco é associar os perpetradores a monstros e tratar a Shoá como algo irracional, inexplicável. Afinal, só podemos impedir que algo semelhante volte a acontecer se entendermos o que acarretou o genocídio, as etapas deste processo. Yehuda Bauer, um dos maiores estudiosos da Shoá dizia que tratar o Holocausto como inexplicável, como algo misterioso resulta em converter os criminosos “em vítimas trágicas de forças que transcendem o controle humano. Dizer que o

Holocausto é inexplicável, em definitivo, é justificá-lo.” (BAUER, 2013, p.53). Se desejamos que nossos alunos estudem, aprendam e se comprometam com esta memória, precisamos compreender a Shoá como uma ação humana, perpetrada por pessoas, que em dado contexto, foram capazes de cometer as piores atrocidades.

Interessante destacar como Anne Frank compreendia que a guerra e seus horrores eram realizados por seres humanos, e foi além, notando que a responsabilidade pela tragédia também era dos “bystanders”, os observadores, ou seja, aqueles que não eram nem vítimas, nem perpetradores. O que Levi (2023) nomeia como “doutrina do desprezo”. Dois anos antes ela já sabia dos horrores dos campos de concentração e da câmara de gás:

“Não acredito que a guerra seja apenas obra de políticos e capitalistas. Ah, não, o homem comum é igualmente culpado; caso contrário, os povos e as nações teriam se rebelado há muito tempo! Há uma necessidade destrutiva nas pessoas, a necessidade de demonstrar fúria, de assassinar e matar. E até que toda a humanidade, sem exceção, passe por uma metamorfose, as guerras continuarão a ser declaradas, e tudo o que foi cuidadosamente construído, cultivado e criado será cortado e destruído, só para começar outra vez!”
(FRANK, 2023, p.290)

Anne Frank era uma menina, que sonhava, que desejava, que queria estar com suas amigas, viver novas experiências e, sobretudo, crescer livremente. A angústia de viver sob o terror da proximidade da morte e cerceada até mesmo de olhar pela janela, é absolutamente comovente. Embora o contexto da Shoá seja específico e brutal, sabemos que, infelizmente, não existe lugar livre de preconceitos e discriminações. Ler sobre o antissemitismo em Anne Frank nos transporta para a vida hoje, para as violências que acometem a sociedade contemporânea. Nunca é somente sobre o

passado. Estudar a Shoá, ler o diário de Anne Frank e outros testemunhos é olhar para hoje e para toda a humanidade. Precisamos impedir que ações semelhantes aconteçam. Como defende Bauer (2013), precisamos compreender a Shoá para que ela se torne uma advertência e não um precedente.

No diário, Anne pontua as restrições e a discriminação gradativa sofrida pelos judeus. Vemos como isso determina o modo como ela vai viver e morrer. Ainda em 20 de junho de 1942, Anne descreve como a perseguição começou na Holanda

“Depois de maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois, a capitulação, em seguida, a chegada dos alemães, e foi então que começaram os sofrimentos dos judeus. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas...”

(FRANK, 2023, p.18)

Apesar do diário ser tenso e possuir diversas passagens que trazem dor, angústia e sofrimento, Lafon (2023) aponta como diversas edições manipularam determinadas questões, e critica a forma equivocada e desonesta com a qual Anne Frank foi muitas vezes retratada no cinema e no teatro. Há uma advertência importante a fazer. Quando lemos, precisamos ressignificar a experiência de Anne Frank, mas não podemos conferir novos sentidos descontextualizando sua história ou ignorando suas palavras. Não conseguiremos nunca imaginar o que ela passou, mesmo lendo o diário, pesquisando sua história e visitando o anexo onde se alojou em Amsterdam. O relato sempre terá algo inimaginável. Agamben chama isso de paradoxo de Auschwitz.

“Por um lado, o que aconteceu nos campos aparece aos sobreviventes como a única coisa verdadeira e, como tal, absolutamente inesquecível; por outro lado, tal verdade é, exatamente na mesma medida, inimaginável, ou seja, irreduzível aos elementos reais que a constituem” (AGAMBEN, 2008, p. 20).

Lafon (2023) descreve uma conversa com Ted, sobrevivente da Shoá, em que ela diz faltar-lhe palavras para descrever o que viveu e que não era possível imaginar. Lafon traz importante reflexão a respeito, de que não se pode mesmo imaginar, mas mesmo sem conseguir, “é preciso tentar imaginar” (LAFON, 2023, p.106). Em suma, este inimaginável não pode ser ignorado, ele precisa ser perseguido incansavelmente, pois é esta busca que nos humaniza e que nos aproxima do outro, é o lugar onde precisamos estar. Imaginar a solidão de Anne Frank, seus temores, seu desespero é o que o diário nos convida. Mais difícil mas inevitável é imaginar seu final, que termina sem terminar, que deixa um vazio, uma ausência e um silêncio atormentador. Essa leitura traz a dimensão da alteridade e nos obriga a repensar este suposto lugar de observador, ontem, hoje e sempre, porque em uma vida em sociedade não há como se eximir de alguma responsabilidade para com o outro.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. São Paulo: Boitempo, 2018.

BAUER, Yehuda. Reflexiones sobre el Holocausto. Universidad Hebrea de Jerusalen; Yad Vashem., 2013.

FRANK, Anne. O diário de Anne Frank: edição integral. Rio de Janeiro: Record, 2023.

LAFON, Lola. Quando você escutar essa música. Rio de Janeiro: Editora Paris de Histórias, 2023.

LEVI, Primo. Afogados e Sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

REISS, Carlos. Luz sobre o caos: Educação e memória do holocausto. Rio de Janeiro:
Imprimatur, 2018.